

PESCHELIES, Erik. 2022. *Ascensão e Declínio da Etnologia Alemã (1884-1950)*. Campinas: Editora da Unicamp. 624 pp.

Helena Moreira Schiel 

Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Estudos Latinoamericanos, Brasília, DF, Brasil
E-mail: helenaschiel@gmail.com

Um famoso debate do GDAT (Group of Debates in Anthropological Theory) postulava que o passado é uma terra estrangeira. Se David Lowenthal e Penelope Harvey (1996) tinham razão naquela assertiva, o livro de Erik Petschelies pode ser considerado como uma verdadeira etnografia de um desses "países estrangeiros" localizados no passado. A obra *Ascensão e Declínio da Etnologia Alemã*, fruto da tese reelaborada de Erik Petschelies, já nasce como um clássico.

O autor cultiva um olhar generoso e prescrutador para alguns dos fundamentos da nossa ciência. De conceitos como a unidade entre língua, espaço e cultura, postulados por Leibniz e levados a várias regiões do mundo por expedições conduzidas por alemães, da Sibéria ao Xingu, ao reconhecimento da complexidade e dos jogos de força

presentes naquele campo (Bourdieu 1989) científico, fazem do trabalho de Petschelies uma legítima descrição densa.

Muitas vezes esquecida em nossos cursos de Teoria Antropológica, reduzida a notas de rodapé sobre um suposto evolucionismo felizmente superado, a etnologia alemã forneceu modelos interpretativos e métodos, tanto de campo quanto de gabinete, que usamos até agora, quer tenhamos consciência disto ou não. A despeito desta influência, pouco estudamos no Brasil sobre os modelos e os autores que moldaram aquela tradição disciplinar. Um pouco dessa ausência se deve a fatores históricos: Petschelies sugere o final da 2ª Guerra Mundial como um marco para o fim dos estudos sistemáticos sobre a América do Sul na Etnologia alemã. Mas também muito se deve a barreiras linguísticas. Os artigos e as etnografias mais influentes foram traduzidos para português. No entanto, uma infinidade de textos e material epistolar permaneceram em alemão, língua virtualmente inacessível ao público brasileiro.

Petschelies teve o mérito de recompor, em minúcia, para o leitor lusófono, a consolidação da etnologia como ciência autônoma. O trabalho analisou desde a expedição de Von den Steinen às cabeceiras do rio Xingu até a eclosão da Segunda Guerra Mundial

e o ocaso dessa era das expedições e do colecionismo para museus. A expedição de Von den Steinen inaugurou a longa marcha de etnólogos alemães ao território e aos grupos indígenas brasileiros. Outras expedições de alemães já haviam ocorrido, como a dos bávaros Spix e Martius no séc XVIII, mas eles não eram etnólogos de formação. Erik Petschelies descreve e analisa o ambiente intelectual e, por que não dizer, moral, que impeliu as gerações de alemães a empreenderem pesquisas na América do Sul.

Ele traz de forma consistente uma explicação minuciosa sobre as questões intelectuais que moviam os alemães, como os conceitos de *Elementargedanken* (ideias elementares) e *Völkergedanken* (ideias dos povos) desenvolvidos por Adolf Bastian, fundador do Museu Etnológico de Berlim, bem como a origem do conceito de "círculos culturais", *Kulturkreise*, que influencia até hoje a forma como olhamos para os dados de campo. O conceito de círculos culturais foi reformulado algumas vezes nesses últimos 150 anos, em noções como "áreas culturais", províncias culturais e, numa leitura brasileira, "áreas etnográficas" (Melatti 2020). A origem de ambos os conceitos é trazida por Petschelies pela primeira vez em língua portuguesa. O trabalho de Petschelies possui farto material, o suficiente para contestar aquela visão simplista de uma tradição teórica evolucionista a ser esquecida porque superada. Em realidade, com nossa mirada desde os anos 20 do século

XXI, a etnologia alemã parece bastante moderna.

O autor teve acesso a um vasto material epistolar, troca de correspondência entre esses autores, tais como Karl von den Steinen, Theodor Koch-Grünberg, Paul Ehrenreich, Max Schmidt, Fritz Krause, entre outros. Ele trabalhou minuciosamente sobre essas missivas. É uma leitura longa e densa, mas nem um pouco pesada, graças à habilidade de Petschelies de amarrar as tramas dessa história de *longa duração* num verdadeiro artesanato intelectual.

A Parte 1, provavelmente a que será de maior valor para o leitor geral, não apenas aquele interessado em etnologia indígena, esmiúça as bases teóricas e as discussões filosóficas que alicerçam a etnologia alemã. Nela temos acesso ao desenvolvimento de conceitos tais como os de Herder, formulados no séc XVIII como *Geist*, espírito, *Weltgeist*, espírito do mundo no sentido de configuração de um momento histórico, que dão ao mundo seu aspecto, ou *Zeitgeist*, o espírito do tempo. Também conceitos como a unidade da humanidade (*Gattung*) e sua manifestação diversa nas expressões culturais. Conceitos que moldaram o olhar dos etnólogos alemães para os mundos outros onde eles iriam se inserir no século seguinte.

Na parte 2, Erik Petschelies explora as expedições do que ele categorizou como a "primeira geração", de 1884 a 1899. Os marcos cronológicos são a primeira expedição de Karl von den Steinen às cabeceiras do rio Xingu até a expedição de Hermann Meyer à mesma

região em 1898 e 1899. O ambiente é o de um Brasil ainda escravagista e imperial, onde a troca de presentes e a visita entre nobres ainda eram as formas de abrir portas. Pode-se dizer que Von den Steinen é extremamente bem sucedido nessa empreitada, se aproximando de Dom Pedro II e sendo recebido nos círculos intelectuais da capital do império brasileiro. Fazem parte desse período as expedições de Paul Ehrenreich ao rio Araguaia e posteriormente ao Purus. Ehrenreich foi o primeiro etnólogo a descrever as aldeias do povo Karajá, grupo ao qual me dedico. É possível afirmar que a maioria das observações de Ehrenreich segue válida e muitas das suas ilustrações de objetos confeccionados pelos Karajá foram reproduzidas por diversos autores posteriores.

Na terceira parte do livro o autor explora o que delimitou como a "segunda geração de americanistas", aquela das expedições ocorridas entre 1900 e 1913. O primeiro marco é a expedição de Max Schmidt à região do rio Xingu, e encerra com a segunda expedição de Koch-Grünberg "do Roraima ao Orinoco". Max Schmidt escreveu um pequeno e influente livro sobre os grupos Aruaque com especulações sobre a vasta distribuição desses grupos pelo continente e sua

influência sobre grupos vizinhos. O livro de Schmidt foi recentemente traduzido para o português também por Petschelies (Schmidt 2021).

Na quarta e última parte do livro, intitulada "O crepúsculo dos americanistas", período entre 1914 e 1950, o autor demonstra os efeitos catastróficos das duas grandes guerras na produção etnológica alemã voltada à América do Sul tropical.

A leitura do livro de Petschelies nos conduz a nos afastarmos de uma certa imagem da etnologia alemã como antiquada ou excessivamente orientada por um ideário evolucionista ou difusionista. Percebe-se que ela era antes de tudo empirista e indutiva. E que antes de buscar alçar saltos teóricos, os etnólogos alemães traziam os dados da maneira mais fidedigna possível. Os diários de campo eram parte fundamental da exposição dos dados. Os etnólogos daquela tradição estavam à frente de seu tempo, utilizando aparatos como máquinas fotográficas ou registros fonográficos.

Acredito que o livro que aqui se resenha será um aporte importantíssimo para a compreensão das raízes da etnologia das Terras Baixas da América do Sul, bem como da teoria antropológica que pretende compreender a gênese

dos conceitos de longa duração da disciplina antropológica.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. 1989. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- LOWENTHAL, David. 1996. "For the motion 1. 1992 debate The past is a foreign country", In: Tim Ingold, *Key Debates in Anthropology*. London & New York: Ed Routledge. pp. 21-26.
- MELATTI, Julio Cesar. 2020. "América do Sul. Por que áreas Etnográficas?", In: *Áreas Etnográficas da América Indígena*. Apostila destinada a curso de extensão. DAN/ICS/UnB (consulta em 30/10/2025: <https://www.juliomelatti.pro.br/areas/00areas.pdf>).
- PETSCHELIES, Erik. 2022. *Ascensão e Declínio da Etnologia alemã (1884-1950)*. Campinas: Ed Unicamp.
- SCHMIDT, Max. 2021. *Os Aruaques*. São Paulo: Ed Hedra.

Agradecimentos

Agradeço ao Erik Petschelies pelo convite para resenhar seu livro cuja tese, de onde se originou, eu já havia lido com ávido interesse e feito uma resenha informal em um blog. Agradeço também aos parceiros indígenas karajá que me permitem ocasionalmente acessar seu cotidiano e prosseguir com o diálogo. Também aos meus alunos indígenas da UFOPA (Waiwai, Munduruku, Arapium), que nos dez anos em que trabalhei lá tanto me ensinaram e continuam me ensinando.

Helena Moreira Schiel é etnóloga, professora no Departamento de Estudos Latino-americanos (ELA/UnB). É também professora permanente no PPGAS/UFMT. Trabalha junto ao grupo indígena Karajá do Brasil Central desde 2001. Sua tese aborda os fenômenos da chefia, política e guerra entre os Karajá. Atualmente tem se dedicado ao tema da política indígena em projetos como o Observatório das Eleições Indígenas. Também tem se dedicado a projetos que buscam dar visibilidade aos objetos indígenas em museus etnológicos e projetos que apoiam iniciativas indígenas de criação de museus, repatriação digital, entre outros.

Editor-Chefe: Luiz Costa

Editora Adjunta: Adriana Vianna

Editor Adjunto: Carlos Fausto

Declaração de Disponibilidade de Dados:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Recebido em: 27/11/2025

Aceito em: 23/03/2026